

PLURIATIVIDADE: UMA ESTRATÉGIA DE SUSTENTABILIDADE NA AGRICULTURA FAMILIAR NAS LOCALIDADES DE CAPÃO SECO E BARRA FALSA 3º DISTRITO – RIO GRANDE – RS

Fabiana Funk

Aluna do Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC); Especialista em Geografia do Brasil e Graduada em Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPeL). Bolsista CAPES. Rua Barão do Rio Branco, 53; Apartamento 404. Centro. CEP 98700-000. Ijuí – RS. E-mail: bi_geo_funk@yahoo.com.br

Maria Antonieta Mendes Borges

Graduada em Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPeL). Avenida Duque de Caxias, 170. Bloco A. Apartamento 101. Bairro Fragata. CEP: 96030.000. Pelotas – RS. E-mail: antonieta_mmb@hotmail.com.

Giancarla Salamoni

Doutora em Geografia Agrária. Professora Adjunta do Instituto de Ciências Humanas (ICH), da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Orientadora. Rua Gonçalves Chaves, 3063. Apartamento 404 A. Centro. CEP: 96015-560. Pelotas – RS. E-mail: gi.salamoni@yahoo.com.br

RESUMO

O presente trabalho aborda os processos internos relacionados ao funcionamento das unidades familiares de produção agrícola, a qual sofreu uma transição nas suas atividades a partir dos anos 80, onde estas passaram a ser combinadas com atividades consideradas não-agrícolas. Deste novo contexto emergiu a pluriatividade, com uma grande diversidade social e espacial. A pluriatividade é caracterizada pela sua existência em espaços periurbanos, a qual fomenta uma nova estrutura social e econômica, permitindo ao pequeno produtor rural manter-se naquele meio e exercer, paralelamente, uma outra atividade, seja na propriedade ou no meio urbano, com o objetivo de geração de rendas. As pequenas unidades familiares de produção agrícola são caracterizadas pelo pluriativo, isto é, as famílias não se dedicam integralmente à agricultura, favorecendo a divisão do trabalho familiar entre as atividades executadas dentro e fora da propriedade. O objeto deste trabalho é, a partir da caracterização do pequeno produtor rural das comunidades de Capão Seco e Barra Falsa, pertencentes ao Povo Novo, 30 Distrito do município de Rio Grande – RS, identificar a presença das atividades não-agrícolas como uma alternativa estável de sustentabilidade e garantia de reprodução do núcleo familiar, permitindo uma melhor qualidade de vida para estes agricultores

Palavras-chave: Agricultura Familiar, Pluriatividade, Sustentabilidade, Pequeno produtor, diversidade na produção.

PLURIACTIVITY: A SELF-SUSTAINABLE STRATEGY OF FAMILIAL AGRICULTURE IN CAPÃO SECO AND BARRA FALSA 3RD DISTRICT – RIO GRANDE - RS

ABSTRACT

This paper reviews the inner processes related to the agricultural production of familiar properties, which suffered a change in their activities from 1980 on. These processes became attached to non-rural activities since then and pluriactivity arose from that reality. Pluriactivity is widely diverse in terms of social and spatial issues and it is characterized by its existence in periurban spaces with a new economical and social scenario, and this allows the small rural producers to remain in that society and to exert other activities either in their properties or in the urban area aiming profit. The small familial rural properties are characterized by pluriactivity, that is, families don't dedicate exclusively to agriculture and favor the work of the family inside or outside their properties. This paper aimed to describe the small rural producer in Capão Seco and Barra Falsa, communities that belong to the third district of Rio Grande – RS. Also, this paper aimed to identify the presence of non-agricultural activities that generate self-sustainable alternatives that improve the quality of life among these producers.

Key-words: Familiar Agriculture, Pluriactivity, Sustainability, Small Producer, Diversity In Production

INTRODUÇÃO

A agricultura familiar é o modo agrícola pelo qual mais se produz alimentos no Brasil, já que possui uma produção diversificada, destinada ao abastecimento da propriedade onde o excedente é vendido com vistas à obtenção de renda. Neste sistema, terra, trabalho e capital combinam-se entre si, e a família configura a unidade de produção e de consumo, de forma que os agricultores detêm grande parte dos meios de produção. Vê-se que agricultura familiar, a partir da década de 20, não se tornou um setor isolado, mas sim, integrou-se de forma dinâmica no processo global de acumulação de capital, também absorvendo o progresso técnico e modernizando sua forma de produzir.

Diante do avanço capitalista e em nome das dimensões econômica, ambiental e social do desenvolvimento, o capitalismo justificou os discursos, ações e práticas sobre o mundo nas últimas décadas (Revolução Verde). Essas ações resultaram em uma crise sem precedentes, principalmente no caso da pequena propriedade. Assim, tornou-se mister o

retorno de práticas agrícolas menos impactantes ao meio ambiente e a sociedade. A agricultura sustentável é uma alternativa que visa minimizar esses problemas, pois esse sistema de cultivo não requer grandes recursos financeiros, pois se utiliza de técnicas de cultivo ecologicamente corretas, o que favorece os pequenos agricultores de baixa renda.

Como a maioria dos pequenos agricultores não conseguiu modernizar-se frente às novas tecnologias impostas pelo sistema capital, a maneira encontrada por eles foi incorporar à produção rural outras atividades não – agrícolas.

A pequena produção familiar no sul do estado do Rio Grande do Sul se organizou nas áreas estendidas nos intervalos livres entre as sesmarias. Os indivíduos submetidos a este sistema agrícola tiveram que criar e recriar os seus próprios meio de reprodução, o que fez da pluriatividade fator condicionante de sua subsistência.

Segundo Anjos (2003) a pluriatividade consiste em

(...)que os componentes de unidade familiar executem diversas atividades no interior ou fora da sua exploração agrária, com a finalidade de obter um ingresso econômico correspondente, de forma a que a convencional identidade entre família e unidade de produção deixa de existir. Já que o exercício de atividades familiares (agrícolas e não agrícolas responde ao impacto de variáveis internas à família e a exploração, assim como de elementos externos que derivam do macro sócio econômico e do mercado de trabalho (agrário e não agrário). (ANJOS, 2003, p.246)

Diante deste contexto, alguns produtores familiares da comunidade de Capão Seco e Barra Falsa, pertencentes ao Povo Novo, 3o distrito do município de Rio Grande – RS, estão encontrando na pluriatividade uma alternativa para aumentar a renda de suas propriedades.

Esta pesquisa foi feita diretamente na área de estudo, aplicando-se um questionário aos agricultores das nove propriedades familiares que estão em processo de transição para a pluriatividade. Para analisar os dados que compunham a organização da produção nas propriedades familiares, buscou-se elucidar o problema a partir de Diniz (1984), que aborda o complexo agrário a partir dos sistemas externos e internos da produção.

AGRICULTURA FAMILIAR E SUSTENTABILIDADE

A agricultura familiar caracteriza-se por certos princípios gerais de funcionamento, nos quais o proprietário acumula as funções de administrador e trabalhador é dono de seus próprios meios de produção. Ainda, a mão-de-obra utilizada é eminentemente familiar, a não ser nos períodos de safra, em que necessita-se mais braços para trabalhar. Estes agricultores produzem em suas propriedades tudo que o necessitam para sobreviver, e o excedente é

vendido para conseguir uma renda extra.

O trabalho realizado pela mulher na unidade de produção familiar não é específico, pois esta cumpre uma dupla ou tripla jornada de trabalho, tendo que cumprir o papel de ajudante nas atividades agrícolas, cuidadora dos filhos pequenos e ainda responsável pela realização das tarefas domésticas. Entretanto, o trabalho realizado pela mulher é, muitas vezes, considerado pelos outros componentes da família somente como ajuda e não como um agente direto no processo produtivo, e freqüentemente não é contabilizado como custo de produção.

O trabalho agrícola familiar envolve todos os membros da família na produção, sem que haja remuneração específica para isso. Segundo Jean (1991)

Já no início das discussões desta questão devemos assimilar que a característica básica entre a renda da terra camponesa nasce na produção. É, pois, o próprio produtor que entrega diretamente para os proprietários, da terra uma parte da produção convertida em dinheiro (renda em produto em trabalho e renda em dinheiro). É pois o trabalhador que paga renda. Entretanto com relação a renda capitalista da Terra, o mesmo não acontece, pois esta não nasce na produção e sim na distribuição da mais valia (OLIVEIRA, 1991, p.65).

Sabe-se que o fortalecimento e o desenvolvimento da agricultura familiar são algumas das mais eficazes ações para geração de empregos e renda, sendo a base para o desenvolvimento rural sustentável, reduzindo a pressão sobre os centros urbanos e reduzindo as migrações.

Os avanços tecnológicos inseridos na agricultura (Revolução Verde), agiram no meio ambiente de forma a esgotar todos os recursos naturais e acabaram por deflagrar o aumento das desigualdades sócio-econômicas no principal setor envolvido, a agricultura familiar.

Houve um aumento significativo no uso de agrotóxicos, com a conseqüente diminuição da fronteira agrícola, produtos químicos foram lançados ao solo, máquinas pesadas foram inseridas na rotina dos agricultores, tudo com o objetivo de suprir as exigências capitalistas, que pregam a maior produção em maiores espaços. Todas essas iniciativas foram amplamente apoiadas pelo Estado, que concedeu financiamentos aos agricultores para a aquisição dessas grandes inovações. O que acabou acontecendo foi o endividamento dos agricultores, a contaminação das fontes de água, morte de peixes, intoxicação humana, desmatamento em larga escala, entre outros efeitos danosos aos agricultores e ao meio ambiente. (GLIESSMANN. 2000, p. 45)

O capital, nas suas variadas formas, exerce sua influência sobre o pequeno

agricultor, à medida que este se expandiu para o campo. A produção para sustento da família, gradativamente, cedeu lugar à especialização de cultivos e à pluriatividade das ocupações dos membros do grupo familiar. A intensificação das atividades modernas alterou a estrutura fundiária da pequena unidade familiar, perdendo-se o seu espaço de produção, obrigando o pequeno agricultor a se tornar trabalhador assalariado, deixando de ter acesso aos bens por ele produzidos e tornando-o mero consumidor, perdendo a autonomia que a posse da terra lhe assegurava.

Surgiu assim, em Estocolmo, no ano de 1972, a proposta do desenvolvimento econômico e social capaz de valorizar a conservação da natureza e amparar as necessidades das gerações atuais e futuras, o que nos encaminharia para o desenvolvimento sustentável. (LEMOS, 1996, p.15).

Com a implantação de uma agricultura sustentável, os atores sociais serão beneficiados, porém, deverá existir um maior investimento científico e tecnológico voltado para as características dos agroecossistemas. Os pequenos produtores familiares reúnem todos os fatores para este processo de transição ao desenvolvimento sustentável, pois não usam tecnologias agressivas ao meio ambiente e seus principais métodos de cultivos ainda são embasados no saber camponês, minimizando o uso de insumos externos a propriedade.

A PLURIATIVIDADE E A AGRICULTURA FAMILIAR

Na parte sul do Rio Grande do Sul, os campos foram delimitados por sesmarias, no início do século XVII. Estavam formadas as grandes fazendas que predominam neste extremo do Estado. A pequena unidade de produção se organizou nas áreas estendidas nos intervalos livres entre as sesmarias. Logo estas tiras de terras estavam sendo ocupadas por alemães, migrantes das Colônias Velhas para os novos espaços do território gaúcho, caracterizando uma migração rural – rural. Nestas colônias, as práticas de subsistência na agricultura eram tidas como atividades predominantes, enquanto que o artesanato era praticado nos outros períodos. (SCHNEIDER, 1999, p. 31).

Como o passar do tempo e o crescimento dos povoados, surge a necessidade de produzir-se em maior quantidade para atender a demanda dos comerciantes. Com isso, o desenvolvimento da agricultura resulta do aumento na divisão social do trabalho, tornando-se complexas as relações sociais e estabelecendo-se uma nova dinâmica nas relações de troca.

As relações entre artesanato e agricultura respondiam às necessidades dos colonos tanto na fabricação de produtos para uso próprio, como para venda ou troca do

artesanato por outras mercadorias, permitindo a pequena unidade de produção ter melhor qualidade de vida e obtenção de rendas extras temporárias.

Com o advento da modernidade na agricultura, aliada ao seu caráter excludente, houve muitas distorções sociais, como a expulsão de pequenos agricultores do campo e alterações no seu modo de vida, já que a maioria destes agricultores não conseguiu acompanhar o progresso técnico e não pôde adequar-se às economias de escala, tendo que abandonar ou incorporar à produção rural outras atividades não – agrícolas.

A partir desse momento a produção de leite no interior da unidade familiar agrícola rapidamente tomou-se o produto comercial fundamental à forma de produção dos colonos. Os lucros monetários obtidos com o leite deixaram de ser oriundos dos subprodutos como requeijão, manteiga e o queijo. Uma outra vantagem da produção do leite é que ele era o único produto que garantia a família uma renda mensal regular. Embora os recursos obtidos com a sua venda tivessem um caráter completamente para o colono, era dele que dependia o sustento da família nos períodos de entressafra (SCHNEIDER, 1999, p.88 – 89).

Destaca-se nesta atividade a divisão interna do trabalho e o processo de tomada de decisões intrafamiliares na propriedade familiar. Assim, a pluriatividade apresenta-se como

Um fenômeno no qual os componentes de uma unidade familiar executam diversas atividades com o objetivo de obter uma remuneração pelas mesmas, que tanto podem desenvolverem-se no interior como no exterior da própria exploração, através da venda da força de trabalho familiar, da prestação de serviços a outros agricultores ou de iniciativa centrados na própria exploração (Industrialização a nível da propriedade, turismo rural, agroturismo, artesanato e diversificação produtiva) que impliquem no aproveitamento de todas as potencialidades existentes na propriedade e/ ou seu entorno (ANJOS, 2003, p.90-91).

Observa-se no Rio Grande do Sul, principalmente na área estudada, que o sucesso da propriedade familiar está baseado na diversificação de suas atividades, para a garantia da sobrevivência diante das flutuações do mercado. Essa nova forma de trabalho desagrega os membros da família em atividades agrícolas e não-agrícolas, não necessariamente sendo executadas no interior da propriedade, possibilitando a ampliação da renda familiar.

Nas localidades de Capão Seco e Barra Falsa, a industrialização não trouxe efeitos negativos sobre a agricultura familiar, não chegando a provocar o êxodo rural. Permitiu, sim, a aproximação entre o rural e o urbano, devido a facilidade de locomoção, acesso a novas tecnologias e confortos que antes não eram ao agricultor permitido.

Neste contexto da pluriatividade emerge a diversidade social e espacial, caracterizando espaços periurbano, criando uma estrutura social e econômica permitindo ao pequeno produtor rural manter-se no campo e exercer uma atividade no meio urbano ou nas prox-

imidades de sua propriedade. Essa agricultura tem uma característica pluriativa, na qual as famílias não se dedicam integralmente à agricultura. Essa combinação favoreceu a divisão do trabalho familiar entre as atividades executada dentro e fora da propriedade. Esse novo processo emergiu de uma articulação bem sucedida entre as estratégias da industrialização difusa ou descentralização industrial, com um ambiente social e econômico local referente ao uso do solo, emprego de tecnologia e melhores condições de moradia na propriedade como meios de comunicação, difusão de energia elétrica, informática, etc.

As atividades extra-agrícolas surgiram para permitir melhor qualidade de vida dos pequenos produtores, denominada a urbanização do meio rural, ou seja, atividades desenvolvidas no interior dos estabelecimentos e orientadas à industrialização de produtos vegetais e animais. Também a prestação de serviços a terceiros é outra iniciativa para geração de renda a estes produtores.

Mesmo sendo entendida como exercício de mais de uma atividade remunerada, a pluriatividade destaca-se, atualmente, através da multiplicidade de formas, em situações de tempo e espaço distintas, compreendendo a forma de produção e as relações de trabalho fundamentado sobre o modo de vida e o sistema produtivo de pequena unidade familiar.

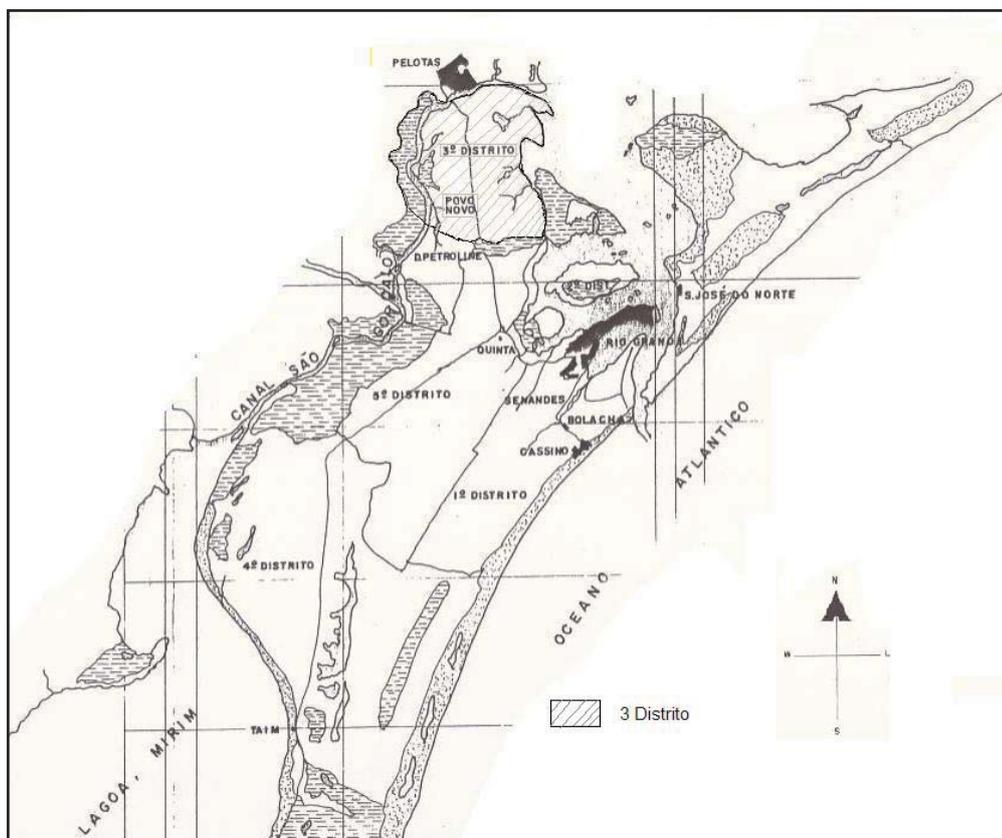


Figura 1 - Mapa de Rio Grande/RS – Ao norte, no destaque o 3º Distrito Pousos Novos. Fonte: Secretaria Municipal de Coordenação e Planejamento – Prefeitura Municipal de Rio Grande – RS (2003)

Cidade mais antiga do Rio Grande do Sul, Rio Grande está localizada na margem sul do estuário que conduz ao Oceano Atlântico as águas da Laguna dos Patos e seus afluentes. Sua posição geográfica é estratégica, tanto nos tempos de guerras como, também, em tempos de paz. A condição de único porto marítimo do Estado, por onde passavam todos os imigrantes e todo o comércio internacional, aliada a riqueza pesqueira e agropecuária da região, atraiu os colonizadores europeus e definiu as bases da atual economia (atividade portuária e pesqueira, refinação de petróleo, indústria, comércio, turismo e serviços). A cidade possui aproximadamente 200 mil habitantes, área de 3338km², clima subtropical marítimo e altitude de dois metros acima do nível do mar.

Rio Grande é dividida em 5 distritos. A área estudada compreende o 3º Distrito, que é conhecido como Povo Novo, tendo como localidades Capão Seco e Barra Falsa. Fica localizado ao norte da área total do município. Neste distrito são encontrados banhados com certas formações arbóreas mistas, incluindo-se a corticeira, jerivás, ciparáceas altas, vegetais de tronco retorcidos, orquídeas, entre outros. Esses pequenos matos palustres têm seguimento nos terrenos adjacentes mais altos, variando levemente a composição florística, com destaque para as figueiras.

Na pesquisa, priorizou-se avaliar a dinâmica das unidades de produção familiar das localidades de Povo Novo e Barra Falsa. Foram visitadas nove propriedades rurais familiares, e seus moradores foram submetidos a um questionário semi-estruturado. Para proceder à análise dos resultados, optou-se pela caracterização proposta por Diniz (1984), na qual os dados e informações coletadas na pesquisa de campo serão analisados segundo os subsistemas formadores do complexo agrário, ou seja, subsistema social, subsistema funcional e subsistema de produção.

Subsistema Social

O subsistema social faz parte dos métodos de classificação do complexo agrário e responde a questão “quem é o produtor?”, no que se refere à propriedade da terra, valorização e relações de trabalho e a luta pela terra.

A análise da composição dos membros que integram a pequena unidade de produção familiar demonstrou que se trata de uma população composta por adultos e idosos, com maior índice de pessoas com idade superior a 31 anos.

O papel da mulher na ajuda do trabalho familiar mostrou-se de fundamental importância, já que além de trabalhar na lavoura, na leitaria e nos afazeres do lar, ainda cuida e educa os filhos.

Com a necessidade de buscar outras fontes de renda, que não somente o trabalho na propriedade rural, houve uma reorganização nas relações sociais de trabalho, onde os agricultores não buscam ajuda extrafamiliar para o desempenho de suas funções. A leitaria aparece como uma alternativa para o melhoramento de renda, e os agricultores investem em tecnologias como a aquisição de ordenhadeiras e inseminação artificial.

O processo de organização das propriedades familiares mostra que todas as famílias analisadas são proprietárias de suas terras e que os produtores da pequena unidade de produção obtiveram suas terras por meio da herança e por este motivo, suas áreas são diminuídas. Apenas um produtor, dentre as nove propriedades analisadas, comprou suas terras. Este indivíduo anteriormente morava no meio urbano e, após aposentar-se, migrou para o meio rural para exercer sua atividade não-agrícola, a leitaria.

Subsistema Funcional

O subsistema funcional faz parte dos elementos internos do complexo agrário e responde a questão “como é produzido?”, tendo como base a utilização da terra, as técnicas agrícolas e sistemas de cultivo e a intensidade da agricultura.

Os cultivos são de lavouras temporárias, principalmente cultura de hortifrutigranjeiros e outros cultivos, como feijão, cenoura, batata e milho. Todas as propriedades possuem uma produção bastante diversificada. Destaca-se o cultivo do milho em quase todas as propriedades, como fonte de alimentação dos animais. Ainda, é usado para baratear a alimentação do rebanho leiteiro, não permitindo a queda na produção no período de estiagem ou excesso de chuva.

As áreas de pastagens permanentes (campos) são significativas entre pequenos produtores; já no que se refere à pastagem temporária, o número é reduzido e apenas um produtor usa esta alternativa, visto que sua propriedade é pequena e o número de animais é maior que a sua capacidade.

Na área de estudo, todas as propriedades têm matas nativas. Esta mata é bastante densa e preservada, pois se encontra em locais de difícil acesso. Ainda, observou-se banhados como áreas não aproveitadas, principalmente em uma propriedade. Durante os períodos de estiagem, os produtores passam por sérios problemas de falta de água, pois estes banhados secam, e não é raro que os animais tenham que ser deslocados para outros lugares para fornecer-lhes água. Já no período de grandes chuvas, o excesso de água também é prejudicial, já que inunda grandes áreas de campos, cobrindo assim as pastagens temporárias e as áreas de cultivo.

Quanto à utilização de insumos, a maioria usa adubação orgânica associada a fertilizantes químicos, herbicidas e inseticidas, e todos utilizam sementes e mudas. O mesmo acontece com a assistência técnica, que é voltada principalmente para o rebanho leiteiro.

O uso da força animal ainda é predominante entre os pequenos produtores rurais, apesar de um proprietário achar que, para o pleno desenvolvimento da agricultura familiar, essa deveria ser mecanizada.

Subsistema de produção:

O subsistema de produção faz parte dos elementos internos do complexo agrário e responde três tipos de questões: “quanto é produzido?”, “o que é produzido?” e “para quem é produzido?”, por meio de análise da produtividade da terra, do trabalho, da orientação e da agricultura e a especialização agrícola.

Os tipos de rebanhos mais freqüentes são os suínos (consumo próprio), eqüinos, aves e principalmente bovinos da raça holandesa, que compõem o rebanho leiteiro. A cultura mais plantada é o milho - que também serve de alimento para os animais - em conjunto com a policultura.

Quanto à relação da pequena unidade familiar e a pluriatividade, observam-se atividades agrícolas e não agrícolas, principalmente nas propriedades que exercem a atividade leiteira associada com o cultivo do milho e policultura. Predomina a produção de leite, que é entregue para os recolhedores a cada dois dias, nas respectivas propriedades. Para isso, o produtor precisa se adequar às regras impostas pelos responsáveis pelo recolhimento da produção. Essas regras envolvem a aquisição de resfriadores, ordenhadeiras e a prática da inseminação artificial visando o melhoramento genético do rebanho, garantindo maiores lucros e competitividade para o segmento.

CONCLUSÃO

As pequenas unidades de produção familiar, mesmo tendo passado por profundas transformações na metade do século XX, ainda são responsáveis pela produção da maior parte dos alimentos, gerando trabalho para maioria da população que vive no meio rural. Por outro lado, estas unidades produtivas foram se adequando à nova realidade social e econômica. Mesmo com a inserção das atividades não-agrícolas, adoção de tecnologias, insumos, concorrência do mercado exterior, as pequenas propriedades não perderam suas características básicas, organizando-se fundamentalmente com base na mão-de-obra familiar e na propriedade da terra, diferenciando-se da unidade de produção capitalista.

A relação da pequena unidade de produção familiar e a pluriatividade nas localidades de Capão Seco e Barra Falsa, no 3o Distrito do Rio Grande – RS, deu-se pelo desenvolvimento de atividades agrícolas e não-agrícolas, principalmente voltadas para a atividade leiteira em associação com o cultivo para autoconsumo e alimentação animal da própria propriedade. O predomínio da atividade não-agrícola, ou seja, a produção leiteira, foi adequada segundo as normas de regulamentação das empresas envolvidas, o que possibilitou uma fonte extra de renda mensal para o produtor – pluriatividade.

A atividade agrícola incorporou a tecnologia e redefiniu o processo de produção destas pequenas propriedades rurais quando passou a receber assistência técnica, utilizando-se de adubos químicos e inseminação artificial para a reprodução de seu plantel leiteiro e, ainda, quando passou a entregar a produção de leite à agroindústria, alterando as estratégias de reprodução das famílias rurais. Entretanto, as propriedades estudadas ainda mantêm suas características de pequenas unidades de produção familiar, mesmo a maior parte de sua renda sendo oriunda de atividades não-agrícolas.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, R. Saco de batatas. In: **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. São Paulo: Hucitec/ ANPOCS/UNICAMP, 1992. (p.31 – 49)
- ANJOS, Flávio Sacco dos. **Agricultura familiar, pluriatividade e desenvolvimento rural no sul do Brasil**. Pelotas: ADUFPEL, 2003.
- DINIZ, J. A. F. **Geografia da agricultura**. São Paulo: Difel, 1984.
- JEAN, B. A. forma social da agricultura familiar contemporânea: sobrevivência ou criação da economia moderna. In: **Cadernos de sociologia**. v.6. Porto Alegre: PPGS/UFRGS, 1994. (p.51-75).
- LEMOS, H. M. de. **Desenvolvimento sustentável**. Brasília: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Renováveis, 1996.
- OLIVEIRA, A. U. **A Agricultura Camponesa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1991.
- SCHNEIDER, Sergio. **Agricultura familiar e industrialização: pluriatividade e descentralização industrial no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1999.
- _____. **A pluriatividade agricultura familiar**. Porto Alegre: Ed. UFRGS. 2003.